

7.00.00.00-0 CIÊNCIAS HUMANAS

7.05.00.00-2 HISTÓRIA

## **FRANKENSTEIN E MOREAU: A CIÊNCIA DO SÉCULO XIX ATRAVÉS DA LITERATURA**

VITOR DA MATTA VIVOLO

Curso de História - Faculdade de Ciências Sociais

Orientado por CARLA REIS LONGHI

Departamento de História - Faculdade de Ciências Sociais

**RESUMO:** NO SÉCULO XIX SURGEM TECNOLOGIAS MEDICINAIS REVOLUCIONÁRIAS E ASSUSTADORAS AOS OLHOS DE PROFISSIONAIS DO RAMO CIENTÍFICO E DOS “LEIGOS” ESPECTADORES. ATRAVÉS DE UMA METODOLOGIA BAKHTINIANA E DE ROGER CHARTIER, A RELAÇÃO ENTRE HISTÓRIA, LITERATURA E CIÊNCIA FOI INVESTIGADA NO RETRATO DA MEDICINA E SEUS DEBATES ACADÊMICOS PRESENTES COMO RECURSO DE VEROSSIMILHANÇA E PROJEÇÃO DO FUTURO EM *FRANKENSTEIN, OU O PROMETEU MODERNO* (1818, POR MARY SHELLEY) E *A ILHA DO DR. MOREAU* (1896, POR H. G. WELLS): AMBOS “ROMANCES CIENTÍFICOS” DA ÉPOCA.

**PALAVRAS-CHAVE:** Frankenstein, Moreau, História da Ciência, Século XIX, Ficção Científica.

### **1.Introdução**

O século XIX foi marcado por fenômenos inovadores e cruciais no campo de estudo científico. Debates éticos e morais ainda em voga encontram suas raízes neste período de curiosidade frente à plasticidade corporal, mortalidade e cura. Os estudos aqui apresentados são um *fragmento* do trabalho de iniciação científica “*Frankenstein e Moreau: A ciência do século XIX através da literatura*” aprovado pelo Conselho de Ensino e Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, subsidiado pelo PIBIC-CEPE, no período de agosto a julho de 2013, e contemplado com o título de Menção Honrosa no 22o Encontro de Iniciação Científica da instituição. A pesquisa realizada foca-se nos discursos das sociedades britânicas literárias e científicas, mais especificamente presentes nos romances de ficção científica *Frankenstein, Ou o Prometeu Moderno* (1818, por Mary Shelley) e *A Ilha do Dr. Moreau* (1896, por H. G. Wells).

Os caminhos do “progresso” e o desenvolvimento da ciência do século XIX foram os responsáveis pelo surgimento da verossimilhança atual do gênero de ficção científica. Esta, engendrada pelas discussões polêmicas contemporâneas dos ramos tecnológicos, apóia-se nas possibilidades criadoras e destruidoras de tais

discussões como ferramentas de convencimento (da probabilidade) de suas tramas romanescas.

*Frankenstein, Ou o Prometeu Moderno*, publicado em 1818, ilustra a busca incessante de um cientista sedento por reverter a morte humana. Victor Frankenstein é um jovem rapaz, filho de uma família de riqueza considerável, que mostra-se um pequeno prodígio e orgulho dos pais do momento em que nasceu até ser aceito na Universidade de Igolstadt, na Alemanha. Sua mãe adoece gravemente e falece, golpeando Victor psicologicamente e fazendo-o adquirir o ímpeto de triunfar sobre a mortalidade dos seres. Alimentado por seus estudos universitários nos ramos da química, física e anatomia; o ápice da obra se dá no momento de loucura e falta de escrúpulos em que sua cria - um homem construído com partes cadavéricas minuciosamente selecionadas e roubadas de túmulos - está deitado sobre a mesa esperando o teste definitivo da genial descoberta de Frankenstein: o segredo da vida. Em uma tempestuosa noite, os primeiros movimentos convulsivos do ser fazem o cientista se dar conta da monstruosidade que ganhou vida em suas mãos. O “monstro” sem nome - contrário ao costume popular atual de ser chamado da mesma forma que seu criador “Frankenstein” -, sempre referido por termos como “criatura”, “aberração” ou “demônio”, escapará de suas rédeas e, indestrutível, provocará a desgraça e morte de todos que cruzarem seu caminho.

O romance científico *A Ilha do Dr. Moreau*, cuja primeira edição é de 1896, dá-se através do relato de Edward Prendick, náufrago de um navio inglês, resgatado por um pesquisador biológico chamado Montgomery e seu estranho ajudante de feições animais em um barco transportador. Após um conflito com a tripulação, o trio desembarca em uma ilha completamente desconhecida a nosso protagonista: o ambiente é selvagem, com um ar de estranho mistério e sons terríveis de gritos ao anoitecer. O dono da ilha é Doutor Moreau (chefe de Montgomery), um senhor de idade versado na área médico-científica e com repercussão internacional sobre seus experimentos infames com cobaias animais. Seguindo elementos típicos de diários de viagem dos exploradores colonos em terras exóticas e estrangeiras, o protagonista põe em questão seus valores no momento em que descobre que os habitantes da ilha são experimentos de Moreau com vivissecção. Essa ciência moralmente duvidosa produz seres incompletos e meras sombras grotescas do homem (ou, como Prendick mesmo diz, “imitações burlescas” do humano). Como

forma de controle, Moreau e Montgomery estabelecem também um regimento chamado de “A Lei” que é recitado como um encantamento pelos “nativos”. Conseguem manter a ordem até a inesperada morte de Moreau: uma das cobaias o assassina e a hierarquia (tanto política quanto darwinista) da ilha começa desmoronar.

### 1.1 Metodologia

A opção por adotar dois romances como documentos históricos traz à superfície peculiaridades em questões que já se fazem presentes à primeira vista: “como analisar a linguagem típica do romance?” ou “como investigar o discurso semelhante em ambas as obras?” Outra dificuldade seria justamente ater-se na busca por respostas a tais questões, sem terminar por desviar-se inconscientemente do ofício do historiador.

Como arcabouço metodológico capaz de elaborar e problematizar adequadamente a solução, foram de extrema importância as técnicas analíticas desenvolvidas pelo estudioso russo Mikhail Bakhtin. Nas histórias de Frankenstein e Moreau, procedimentos cirúrgicos de transplantes de partes, suturas e apropriação de materiais biológicos alheios são elementos constitutivos da prole dos doutores. Após serem confeccionadas, as crias podem até ser encaradas como *indivíduos*, mas jamais deixaram de ser um *amontoado de porções* advindas de *diversas origens* e reunidas na mesa de cirurgia, visando a determinado *propósito*. Essa imagem de completude simultânea a de fração - de homogeneidade simultânea à tensão de estruturas -, sob um intento particular, é perfeita e didaticamente apropriada às teorias bakhtinianas.

Vejamos a criação de tais seres como equivalentes ao trabalho do escritor ao produzir um texto, ou melhor, ao trabalho de todo sujeito responsável por elaborar um discurso, almejando a comunicação. Para Bakhtin, esse *evento* seria categorizado pelo termo *enunciação*. A enunciação é a interação entre participantes de determinado momento no qual um discurso, um *enunciado*, foi produzido. O *enunciado* é tanto a matéria quanto o contexto a serem estudados na íntegra de tal situação, pode aproximar-se do atual conceito daquilo que chamamos de “texto”, mas a construção de seu sentido depende inseparavelmente do seu contexto sócio-histórico. Além disso, pressupõe a alternância entre os sujeitos falantes, levando em

consideração os enunciados *anteriores* ao seu e *posteriores* (enunciados-respostas) ao seu.

Em relação à “emergência de vozes” a ser executada pelo historiador, outros dois conceitos bakhtianos que foram utilizados, e até são desdobramentos do primeiro, são a *polifonia* e o *dialogismo*. São conceitos extremamente similares e intercruzados. Consideremos, novamente, que todo discurso é uma criatura frankensteiniana ou moreauniana em detalhe muito simples: carrega (e até se faz com) os fragmentos de outrem. O princípio polifônico-dialógico se dá nesses âmbitos, nos quais nenhuma palavra puramente nos pertence, pois traz em si a perspectiva de outra voz e o devir de um diálogo. Esse princípio nos *permite examinar a questão da alteridade enquanto presença de um outro discurso no interior do discurso*<sup>1</sup>, ou seja, permite-nos reconhecer que existem vozes “de fora” do discurso - seja *nosso* esse discurso, ou do romancista, etc - que sempre influenciam e/ou fazem-se presentes. *Dialogismo* é a presunção de “diálogo” existente em qualquer enunciação. Similar à polifonia, compreende a existência do *outro* como interlocutor e dialoga com ele (assim como uma confluência ou contraste de elementos quando estabelecemos comparações entre dois discursos). É uma intrínseca rede de vozes estrangeiras entrelaçadas sobre a qual o locutor mergulha, pinça as que lhe são caras ou relevantes, e tenta fazer destacar a sua própria voz.

Além disso, levando em consideração a materialidade das obras, o “consumo” de um livro faz parte do papel exercido por ele historicamente. Roger Chartier, historiador francês, é um dos responsáveis pelo estudo das práticas de leitura. Em um de seus ensaios, denominado “*Textos, Impressão, Leituras*”<sup>2</sup>, traz relevante discussão ao redor da história da leitura, dos livros e da circulação escrita. Para ele, *ler é entendido como uma “apropriação” do texto, tanto por concretizar o potencial semântico do mesmo quanto por criar uma mediação para o conhecimento do eu através da compreensão do texto*<sup>3</sup>.

O leitor jamais é sujeito passivo na operação de leitura, muito pelo contrário, interfere conforme a assimilação do texto, acarreta expectativas e saberes próprios e individuais. Chartier busca nos conscientizar sobre certas estratégias autoritárias de

---

<sup>1</sup> AMORIM, 2004, p.107

<sup>2</sup> Disponível em HUNT, 1992, A Nova História Cultural.

<sup>3</sup> CHARTIER *in* HUNT, 1992, p. 215 (o grifo é meu).

impor determinada leitura “autorizada” do texto: dentre elas, estão os prefácios e prólogos. Inclusive ressalta que *nenhum texto existe fora do suporte que lhe confere **legibilidade**; qualquer compreensão do texto, não importa de que tipo, depende das formas com as quais ele chega até seu leitor*<sup>4</sup>.

Desta forma, as diversas edições disponíveis das obras - manuscritos, correções e novas revisões feitas ao longo do século - foram analisadas simultaneamente a tratados científicos a fim de se perceber possíveis mudanças discursivas em relação a uma forma de “resposta” à recepção dos textos e sua apropriação pelos leitores (além da perpetuação de sua construção definitiva - ou seja, não mais revisada - ao olhar dos próprios autores).

## **2. Desenvolvimento e apresentação de excerto dos resultados**

A pesquisa inicialmente retomou a biografia dos autores juntamente ao surgimento de suas obras, discutindo a gradual criação do gênero de ficção científica desde suas proto-especulações nos diários de viagem ao novo mundo e publicação de romances de literatura fantástica até o surgimento “oficial” do mesmo. Ainda nesta elaboração introdutória, fez-se presente a discussão historiográfica ao redor da utilização de romances como fontes históricas.

O segundo capítulo do trabalho, “Os Materiais Crus”, foi responsável pela apresentação dos embates históricos em relação à confecção das criaturas dos doutores, ou seja, que matérias primas orgânicas eram utilizadas para seu propósito e quais questões morais e científicas reais estavam envoltas nessa materialidade dos corpos suturados na ficção. O seguinte, “Anjos, Demônios e Macacos”, problematiza a questão entre religião e ciência e a gênese da vida. Além disso, deixa de se focar exclusivamente nos doutores e coloca as próprias criaturas sob um microscópio analítico, encontrando as ferramentas dos estágios evolutivos humanos por elas representadas. Por fim, o último capítulo, “Os Profetas do Futuro”, foi portador da conclusão do diálogo triplamente ativo estabelecido entre os dois romances e o contexto histórico no qual foram produzidos: a formação de um novo gênero literário e seu papel histórico.

Dentre os diversos tópicos abordados pela pesquisa, destaca-se aqui excertos do segundo e último capítulos.

---

<sup>4</sup> ibidem, p. 220 (o grifo é meu).

O romance *Frankenstein*, de Mary Shelley, é herança da corrente de pensamento gótico e fantástico na literatura do XVIII e repleto de referências científicas de sua época. A escassez de corpos para estudo anatômico nas faculdades de medicina britânicas era gritante: somente os criminosos condenados à morte teriam a doação involuntária de seus cadáveres aos estudantes, o problema se dava no cabo de guerra criado entre escolas públicas e particulares de anatomia. Legalmente, as únicas agraciadas com a recepção de corpos eram as instituições públicas, que faziam questão de defender seu monopólio a unhas e dentes. A títulos numéricos, em 1828, registrava-se oitocentos alunos cursando escolas de anatomia, destes, quinhentos afirmavam trabalhar com dissecação; enquanto o fornecimento de corpos oficial beirava quatrocentos e cinquenta ou quinhentos *por ano*<sup>5</sup>, ou seja, menos de um por aluno. E, três anos depois, os números oficiais registraram que **onze** corpos foram disponibilizados no ano em que cerca de novecentos alunos estudavam anatomia na cidade de Londres<sup>6</sup>.

Surgiu então a profissão ilegal dos “ressurecionistas”, gangues de homens e, ocasionalmente, mulheres que adentravam cemitérios durante a noite e violavam túmulos frescos. Eram responsáveis por suprir a sede por corpos. Lidando diretamente com os professores de anatomia, estabelecendo um mercado estável a ponto de regularem inflação de preços quando oportuno e até chantagens. O *modus operandi* dos “profissionais” da área dava-se basicamente da seguinte maneira: abriam a cova nova através de diversas medidas criativas de remoção de terra e enlaçamento do caixão, despiam o corpo por completo<sup>7</sup> e o transportavam até a universidade ou médico mais próximo e/ou interessado em sua compra.

Cena tão detalhada não é presente no romance de Mary Shelley. Enquanto Dr. Frankenstein reúne os materiais necessários para a construção de sua criatura, nos diz que, por sorte, sua infância fora afastada de superstições fantasmagóricas. O medo do sobrenatural em seus intentos não o atingia. A autora, no entanto, em

---

<sup>5</sup> Cf. BAILEY, 1896, Capítulo II, segunda seção.

<sup>6</sup> MACDONALD, 2006, p. 11

<sup>7</sup> O corpo em si pertencia à Igreja, à salvação espiritual. A Lei cobria e protegia apenas os bens “materiais” dos indivíduos, o que, na época, não incluía o próprio cadáver dos mesmos. Os únicos casos criminosos que poderiam ser registrados precisavam basear suas acusações na categoria “furto de bens”. Um cadáver roubado nu não configurava crime, mas um cadáver roubado com uma meia ou peça de roupa poderia ser utilizado como desculpa para emprego da legislação.

campo polifônico, conseguiu absorver as questões morais envolvidas nos casos dos ladrões de corpos e as herdou a seu protagonista.

Quem seria capaz de imaginar os horrores de minha empresa secreta, profanando sepulturas úmidas, torturando animais vivos, só para animar o barro sem vida? Minhas mãos tremem, meus olhos se enchem de lágrimas com a lembrança; mas um impulso irresistível, quase frenético, me impelia a prosseguir; eu parecia ter perdido a alma, todas as emoções, só o que restava era essa minha ambição. Foi de fato um transe passageiro, que eu lamentei seriamente quando, tendo cessado o estímulo aberrante, voltei aos meus velhos hábitos. Recolhi ossos em necrotérios, perturbei com dedos profanos os segredos tremendos do corpo humano. Era num quarto, ou melhor, numa cela solitária no alto da casa, separada de todos os outros apartamentos por um corredor e uma escada, que ficava a oficina onde eu perpetrava minha criação imunda; tinha os olhos já cansados de tanto me concentrar nos detalhes de meu serviço. A sala de dissecação e o matadouro forneceram a maior parte de meu material; e com frequência minha própria natureza humana ficava repugnada com aquele trabalho que, impelido por uma impaciência sempre crescente, eu estava prestes a concluir.

SHELLEY, 2006, p. 62-3

Além da discussão de ponto de vista moral frente à “matéria prima” humana utilizada por cientistas em laboratório, Mary conseguiu absorver as reações estupefatas do público “leigo” (leia-se: “não médico-acadêmico”) perante apresentações de cientistas como Professor Aldini. Luigi Galvani, cientista, investigou entre 1780 e 1790 a aplicação de impulsos elétricos em animais dissecados a fim de fazer os músculos se moverem (o famoso experimento com um fio nu e a perna de um sapo morto). Mas foi o professor Giovanni Aldini que foi além e resolveu experimentar em cadáveres, fazendo performances públicas durante o início do século XIX.

Lendo os registros dos trabalhos desse cientista no Colégio [de Cirurgiões] em 1803, não é difícil percebermos o porquê acreditavam que este tipo de homem [cientistas] gostava de brincar de Deus. Sempre ciente de sua plateia, Aldini fazia os mortos produzirem truques. Se gabava que, na Europa, uma vez colocou a cabeça de dois criminosos decapitados em mesas separadas e conectou ambos com um arco elétrico a fim de fazerem caretas, ao ponto de realmente assustar os espectadores. Também fez a mão de um homem sem cabeça pegar uma moeda e jogá-la para o outro lado da sala.

MACDONALD, 2006, p. 15

Um dos experimentos de Aldini é assustadoramente familiar com a cena de reanimação da criatura no laboratório de Frankenstein. Ao aplicar eletricidade no corpo de um assassino condenado,

Sua mandíbula tremeu, o olho esquerdo se abriu, e sua face convulsionou. Quando os condutores foram aplicados em sua orelha e reto, as contrações musculares resultantes ‘quase [deram] uma aparência de reanimação’. Uma mão cerrou o punho e a aurícula [cavidade] direita do coração se contraiu. A plateia de Aldini ficou maravilhada com os sinais de movimento.

*ibidem*, p. 17.

Agora, comparemos com o “nascimento” da criatura de Mary Shelley:

Foi numa lúgubre noite de novembro que eu contemplei o resultado de meus esforços. Com uma ansiedade muito próxima da agonia reuni os instrumentos da vida em torno de mim, com os quais infundir uma centelha de vida à coisa inerte que jazia a meus pés. Era já quase uma da manhã; a chuva tamborilava sombria nas vidraças, e minha vela estava quase no fim quando, sob a luz bruxuleante da chama quase extinta, eu vi o baço olho amarelo da criatura se abrir; respirou fundo, e um movimento convulsivo agitou seus membros.

SHELLEY, 2006, p. 65

O exemplo polifônico-dialógico acima é um dos mais explícitos no romance. A sequência de reações orgânicas em ambos cadáveres, a terminologia utilizada e inclusive o efeito de verossimilhança criado pelo relato fictício demonstram, no laboratório de Frankenstein, a presença das especulações científicas feitas pelos homens da medicina dos laboratórios reais. Sem nenhuma real alusão aos instrumentos utilizados para infundir vida ao cadáver, a existência constante de tempestades e de elementos elétricos na trama resgata os amedrontadores experimentos realizados publicamente por cientistas adeptos do galvanismo. E Mary, como integrante da “plateia maravilhada”, mas também de uma profissão (a de escritora) que permitia a elaboração de especulações fantasiosas, deu um passo além: fez com que um monstro feito de retalhos cadavéricos humanos retornasse à vida e proporcionasse a desgraça de seu audacioso criador.

Em relação à criação e modificação da vida em laboratório, o discurso científico do século foi radicalmente transformado graças a Darwin e *A Origem das Espécies* (1859) que buscou *explicar o que anteriormente era pensado como miraculoso* [a evolução humana] *em termos de gradualismo e causalidades naturais*<sup>8</sup>. No mesmo período em que o pensamento religioso passava por uma crise interna entre seus membros devido às controvérsias relacionadas ao criticismo bíblico - poderia a bíblia ser realmente estudada como um documento histórico? Se sim, de que forma se lidaria com sua autoria múltipla e suas diversas versões, muitas vezes dicotômicas, de mesmos fatos e acontecimentos? -, *pensar em evolução era*, inevitavelmente, *pensar em criação e imutabilidade*<sup>9</sup>. As questões incitadas por Darwin estavam relacionadas não só com a natureza, mas com Deus, com as escrituras e com a ética e moral vitorianas. Entretanto, sua maior “blasfêmia” foi traçar um ancestral comum entre todos os homens e animais. Uma das ramificações desse tronco de parentesco era o macaco.

<sup>8</sup> COSSLETT, 2008, p. 7

<sup>9</sup> IRVINE, 1955, p. 51

Apesar da Inglaterra estar madura, ela estava terrivelmente despreparada para a *Origem* [das Espécies]. [A obra] se levantou frente à mentalidade nacional como o fantasma de Banquo terminando a cena do longo banquete da interpretação da década. Inevitavelmente, ela deslocava a analogia da natureza para o homem e se tornou uma espécie de anti-Bíblia. E da mesma forma que a Bíblia por si só foi tomada por muito tempo como um tratado biológico e geológico, a *Origem* se transformou em um tratado sobre religião e ética, eventualmente política e sociologia.

IRVINE, 1955, p. 107

São a ética, religião, política e sociologia da “anti-Bíblia” os elementos fundamentais presentes nas criações do Dr. Moreau de H. G. Wells. O grau de parentesco entre os seres vertebrados é o ponto de partida inicial da metodologia moreauniana: o médico se pergunta quais são os elementos nevrálgicos essenciais para que se possa reproduzir em laboratório toda a força evolutiva. Diferentemente de Frankenstein, seu controle sobre a vida se dá não pela manipulação da reversão da morte, mas sim através da capacidade de controlar e incitar o potencial evolutivo de cada ser animal na cadeia progressiva que gerou a humanidade. Moreau, então, é o detentor da reprodução artificial das leis arbitrárias da Natureza.

Utilizando a vivissecação, pratica procedimentos de transplante e modificação orgânica, moldando suas crias não de fragmentos mortos, mas dos tecidos e organismos em plena vida. Crê que os procedimentos cirúrgicos de incisão e amputação são meras conquistas triviais da medicina de sua época, pois *na cirurgia existem também os processos de construir, além dos de reduzir e extirpar*<sup>10</sup>. A plasticidade da carne no campo medicinal é o que Wells projetou como o futuro do estudo científico e ferramenta de trabalho de seu protagonista. É alterando a anatomia e fisiologia dos seres “mais simples” (os animais) que Moreau desperta o gatilho interior de cada animal rumo à constituição do homem.

Moreau deseja trabalhar com a modelagem evolutiva, transformando uma espécie de ser em outra. Ao contrário de Frankenstein, a figura humana é selecionada por um mero acaso, apesar disso, *existe algo na forma humana que atrai nossa mentalidade artística de modo mais poderoso do que uma forma animal qualquer*<sup>11</sup>. Sua sabedoria e pesquisas apontam que aquilo que pertence à humanidade vai além da mera quantidade de membros e proporções físicas. O médico encontra outra lei existente na Natureza: a dor. E é nesse delicado aspecto

---

<sup>10</sup> WELLS, 2012, p. 94

<sup>11</sup> WELLS, 2012, p. 97

que, como vimos, é julgado por Prendick (o náufrago em sua ilha) e acusado de crueldade sob ótica de preceitos cristãos. Sua defesa é incisiva:

Além disso, sou um homem religioso, Prendick, como qualquer homem equilibrado. Penso que investiguei os desígnios do nosso Criador melhor do que você, porque mergulhei no estudo de suas leis, enquanto você, pelo que sei, colecionava borboletas. E vou lhe dizer, prazer e dor não tem nenhuma relação com o céu e o inferno. Prazer e dor... bah! O que são os êxtases dos teólogos, senão as huris prometidas por Maomé? A importância que homens e mulheres dão ao prazer e à dor, Prendick, é a marca do animal<sup>12</sup> sobre eles, a marca do que bicho que um dia fomos. Dor! Dor e prazer... existem para nós apenas enquanto nos espojamos no pó.

WELLS, 2012, p. 98

A ironia de Wells é marcante: Moreau, “um homem religioso”, está mais próximo de entender o divino do que muitos daqueles que se julgam crentes. Prendick, com todo o seu moralismo vitoriano, se detém, assim como os teólogos naturais e mais profundos conhecedores das escrituras, no papel de observador da criação, “coleccionando borboletas”. Moreau, da mesma forma que Darwin, não só contempla “a natureza de exuberante beleza”, como adentra seus mecanismos e compreende suas leis. Assim, no romance de Wells, Moreau, o evolucionista vivissecionista, é mais eficaz religiosamente do que Prendick, o cristão estudioso da história natural. Além disso, o conceito de pecado é deslocado para uma trivial marca de um conceito evolutivo prestes a ser ultrapassado pela própria natureza. Marca essa, “dor e prazer”, que é o ponto de mutação explorado pelo dono da ilha em laboratório.

Ainda ao ser questionado em relação à ética de seus procedimentos, o doutor se defende de moralismos colocando-se no lugar de seu terreno de pesquisa: *até hoje a questão ética deste meu trabalho não me preocupou, em absoluto. O estudo da natureza deixa um homem tão despido de remorsos quanto a própria natureza*<sup>13</sup>. O argumento de Moreau é interessantemente similar a uma metáfora utilizada por Huxley em uma de suas cartas a um religioso. Ao ser questionado sobre a existência do divino, Huxley compara o universo e suas leis a uma partida de xadrez.

O tabuleiro de xadrez é o mundo, as peças são os fenômenos do universo, as regras do jogo são o que chamamos de leis da Natureza. O jogador do outro está oculto para nós. Sabemos que suas jogadas são sempre honestas, justas e pacientes. Mas também sabemos, a nosso próprio custo que ele nunca

---

<sup>12</sup> “*Mark of the beast*” no original. Trocadilho entre a “marca da besta”, ou seja, sinal de relação com o demoníaco, e a marca da animalidade ancestral de cada humano na escala evolutiva. A tradução de Braulio Tavares não mantém este sentido.

<sup>13</sup> WELLS, 2012, p. 99

negligencia um erro ou dá a menor aval para ignorância. Ao homem que jogar bem, as maiores apostas são pagas, com aquele tipo de generosidade transbordante com a qual o forte demonstra prazer na força. E aquele que jogar mal leva o cheque-mate - sem pressa, mas também sem remorso.

HUXLEY *apud* IRVINE, 1955, p. 130

Moreau talvez seja, assim como Huxley, não um ateu, mas um agnóstico. É incapaz de conhecer a real face do outro jogador na mesa, então reconhece sua existência sem ousar determinar se é uma força ou divindade. Também enxerga a religiosidade na ciência como uma substituta eficaz e de mesmo valor para a religiosidade teológica. Sua crença nos métodos de pesquisa o tornam um bom jogador que espera ser recompensado. Quase oitenta anos depois, mas com mesma audácia que seu “colega” Victor Frankenstein, Moreau visa reproduzir essa ordem do cosmos em suas criaturas: na mesa de cirurgia, sem pressa, o cheque-mate científico virá caso seja necessário... e sem remorso algum.

### 3. Conclusão

É costume identificar, nos autores de ficção científica, traços proféticos em relação ao futuro. Suas mentes, aliadas a argumentos contemporâneos, são capazes de produzir histórias que espantam o público leitor não somente pela inventividade, mas por sua possível concretização. Mary Shelley pode ser aclamada como a fundadora do gênero, mesmo sem que explicitamente fosse uma estudiosa da ciência, justamente por ter conseguido reunir a herança mitológica, alquímica, renascentista e de seu próprio século em uma obra que hoje já faz parte do imaginário popular. Seu romance conseguiu captar os debates éticos e morais ao redor da metodologia científica.

No campo destas definições éticas e morais, H. G. Wells foi o responsável por conseguir explicitamente unir a epistemologia científica com a criatividade literária. Seu discurso era ainda mais verossímil, pois seguia a lógica obtida nos anos de estudo como aprendiz do darwinismo vitoriano. Sua progênie, mesmo que menos famosa do que Mary, ainda se encontra presente em debates modernos ao redor da experimentação com animais e construção dos âmbitos culturais na antropologia.

Imaginemos a satisfação de Moreau se presenciasse as atuais cirurgias de transplante de órgãos, muitas vezes obtidos de origens animais, a plasticidade do corpo que a cada dia perde suas limitações com as próteses das *body modifications* ou as formas tatuadas sobre a pele... A obra de Wells se mantém circulando

inconscientemente na polifonia da materialidade corporal. E Victor Frankenstein talvez entraria em êxtase absoluto ao observar o surgimento de projetos como o Genoma, desvendando cada minúsculo fragmento do desenvolvimento da vida no corpo humano, ou a aplicação de células tronco para curar doenças antes irreversíveis, agora podendo até mesmo gerar novos órgãos inteiros. A obra de Mary, segundo John Turney (1998), dita até hoje as leis da bioética e o possível perigo de se manipular a vida através de uma ciência sem escrúpulos.

Ambos autores, sempre relegados aos domínios literários, podem e devem ser convidados a serem lidos como fontes e sujeitos históricos: suas vidas, medos, expectativas e reflexões estão presentes em cada linha de suas obras e arquetípicas personagens. A riqueza de leituras é tremenda, se nos permitirmos ouvir as vozes históricas do passado, que tanto desejam transcender as meras páginas da ficção.

#### **BIBLIOGRAFIA BÁSICA E REFERÊNCIAS**

AMORIM, Marília; O Pesquisador E o Seu Outro - Bakhtin nas Ciências Humanas; 1a Edição: São Paulo, Musa Editora, 2004

BAILEY, James Blake; The Dairy of a Resurrectionist; 1a Edição: Londres, Swan Sonnenschein and Company, 1896. <Disponível em: <http://www.gutenberg.org/ebooks/32614>, acesso em 17/03/13.>

BAKHTIN, Mikhail; Questões de Literatura e de Estética - A Teoria do Romance; 6a Edição: São Paulo, HUCITEC, 2010.

COSSLETT, Tess; Science And Religion in the Nineteenth Century; 2a Edição: Nova Iorque, Cambridge University Press, 2008.

HUNT, Lynn; A Nova História Cultural; 1a Edição: São Paulo, Martins Fontes, 1992.

IRVINE, William; Apes, Angels and Victorians; 1a Edição: Londres, Weidenfeld and Nicolson, 1955.

MACDONALD, Helen; Human Remains: dissection and its histories; 2a Edição: Londres, Yale University Press, 2006.

SHELLEY, Mary; Frankenstein; 1a Edição: São Paulo, Editora Ática, 2006

TURNEY, Jon; Frankenstein's Footsteps: Science, Genetics and Popular Culture; 1a Edição: Londres, Yale University Press, 1998

WELLS, H. G.; A Ilha do Dr. Moreau; 1a Edição: Rio de Janeiro, Objetiva, 2012